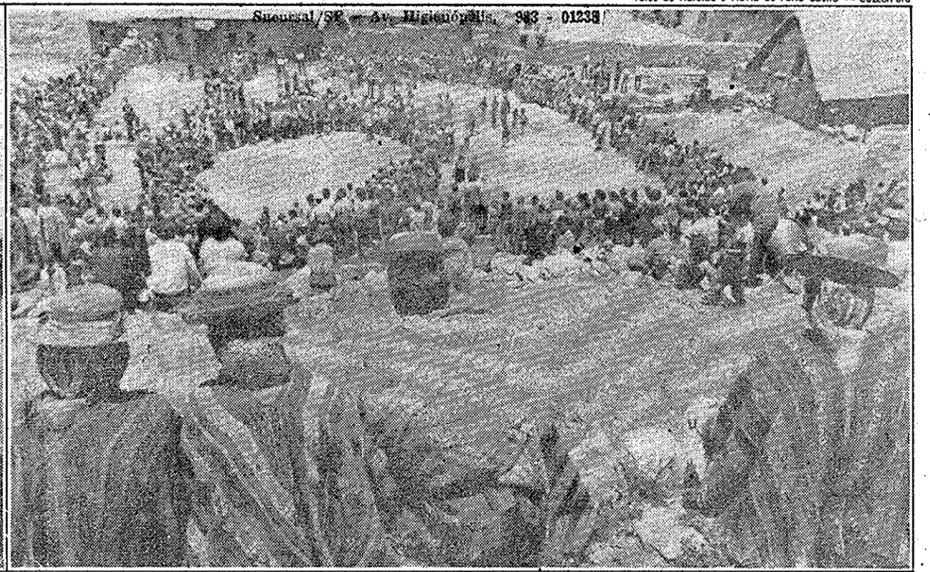


I CONGRESSO ÍNDIO SUL-AMERICANO

Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEBI -

Fotos de Haroldo e Flávia de Faria Castro - Cuzco/Peru



NO UMBIGO DO MUNDO OS ÍNDIOS SE ENCONTRAM PARA APRENDER SOBRE SI MESMOS

Haroldo e Flávia de Faria Castro

CUZCO, Peru — Por alguns dias, esta cidade e seus arredores pareceram viver os dias gloriosos do Tawantinsuyu, a Confederação Incaica. Como há cinco ou seis séculos, homens e mulheres de toda parte do continente encontraram-se nesta Capital Inca, que voltou a merecer seu nome de Qosqo, o umbigo do mundo.

Delegados de quase todos os países das Américas reuniram-se para o 1º Congresso Índio Sul-Americano, no qual, dentro de uma complexidade de propostas e linhas de pensamento, debateram a questão indígena. O congresso foi organizado pelo Conselho Mundial de Povos Indígenas, através de seu representante para o continente, Nilo Cayuqueo, um mapuche da Argentina, e pelo Movimento Índio Peruano, através de Guillermo Carnero Hoke e de Virgílio Roel Pineda. O Conselho Mundial de Povos Indígenas necessitava cumprir uma de suas metas: organizar a reunião. E o Movimento Índio Peruano aproveitava a situação para realizar o evento no Peru. Mas Carnero Hoke, por questões de saúde e por causa da altitude dos Andes, não pôde vir. E foi Virgílio Roel quem o representou. Professor de faculdade e homem político, sua figura foi sinônimo de controvérsia durante todo o congresso.

Entre sutis acusações mútuas, o Conselho Mundial de Povos Indígenas foi visto por Virgílio Roel como uma instituição de atitudes paternalistas em relação ao índio, enquanto a cúpula do Movimento Índio Peruano não representaria realmente as comunidades indígenas por estar composta principalmente de figuras da intelectualidade peruana. De qualquer forma, o risco de fracasso estava eliminado: o bom financiamento conseguido pelo Conselho Mundial de Povos Indígenas (90 mil dólares, metade proveniente de países escandinavos e o restante obtido do movimento canadense Desenvolvimento e Paz, principalmente, e do Conselho Mundial de Igrejas) garantia uma boa oportunidade de divulgar a causa indígena.

Divergências e sobretudo acusações à organização do congresso foram porém os temas mais comentados e cochichados nos primeiros dias do encontro. Seria ou não representativa essa ou aquela delegação? Não índios seriam efetivamente índios ou apenas estudiosos e indianistas? Perguntas como essas flutuaram entre os 300 delegados, convidados, observadores e jornalistas.

E, de fato, a representatividade de certas delegações deixava bastante dúvidas. Os delegados da Argentina, por exemplo, eram tidos como não índios — "não passaram de mestiços apoiando a direita", segundo alguns. Parecida era a situação de dois guaranis paraguaios, "representando mais o Governo do que as bases índias", que insistiam em não discutir política, mesmo que desde o início tivesse ficado claro que o congresso era de natureza política. Quanto aos mexicanos do Centro de Cultura Pré-Americana, delegados fraternais, uma vez que o congresso era de âmbito sul-americano, não deixavam de ser comentados pelo seu extrovertido comportamento e pelo excesso de discursos e entrevistas. Dois índios do México chegariam somente no último dia e suas atitudes foram bem mais discretas, sem dúvida mais de acordo com a maneira de viver do índio. Parte da delegação venezuelana — guajiros que atualmente trabalham junto a camadas sociais mais oprimidas de Maracaibo — foi vista como representando um movimento esquerdista, mas não os interesses do índio.

Por outro lado, tanto os colombianos do Conselho Regional de Índios da Colômbia como os índios de Otavalo (Andes) e Shuar (Amazônia do Equador), os peruanos (com algumas exceções) e bolivianos, demonstraram a representatividade tão discutida. A delegação brasileira estava formada por Daniel Matenho Cabixi, líder da nação Pareci de Mato Grosso, Renato Athias, José Ademir e José Ribamar, representando o Cimi-Norte e seu jornal Foratim. Estavam presentes também, como delegados fraternais, pessoas da Comissão Pró-Índio de São Paulo e do Centro de Trabalhos Indígenas. Daniel Matenho Cabixi era o único índio.

O congresso teve início no dia 27 de fevereiro, quarta-feira, com o hasteamento da Bandeira do Tawantinsuyu, sete faixas com as cores do arco-íris simbolizando a união. Em seguida,

houve uma série de discursos de autoridades que os índios já previam ser de pouco interesse. Nos pronunciamentos das delegações, no entanto, ficou clara a ideologia sustentada principalmente pelos delegados andinos: "Nem a esquerda nem a direita, as duas alas do materialismo ocidental europeu, libertou os índios nem os libertará. É preciso encontrar uma nova alternativa e essa saída está em nossas raízes, em nossas culturas." Falou também Georges Manuel, presidente do CMPI, contando sua difícil infância no Canadá, como índio, e como chegou a ser chefe de sua comunidade e em seguida de todas as comunidades do Canadá, para finalmente chegar ao CMPI. "O índio é o quarto mundo" — afirmou. Durante o congresso, porém, Georges Manuel se esquivou sempre de falar aos jornalistas, alegando que a imprensa jamais deixou de deturpar suas palavras, "nestes 35 anos de luta".

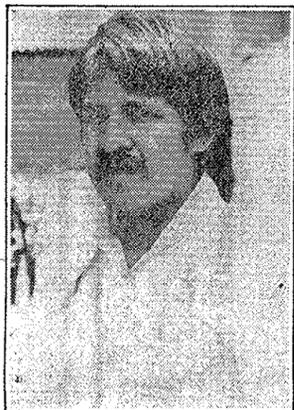
No dia seguinte, o congresso foi transferido para Ollantaytambo, no Vale do Rio Urubamba, também chamado de Vale Sagrado dos Incas, a 70 quilômetros de Cusco. Esse pequeno povoado de antigas casas de pedra e enigmáticas ruínas incas seria considerado por vários dias a Capital mundial da indianidade. O congresso logicamente não poderia, como qualquer outro, ser realizado em grande hotel e com todo o conforto, longe da realidade índia. Desembarcar-se lá assim no campo, com sede na única escolinha do povoado e entre os próprios índios de comunidades vizinhas.

Mais uma vez, no entanto, os discursos repetiam-se ("coisas do Ocidente" — diziam os índios) e todos os convidados foram contemplados com danças e bailes dos quechuas da proximidade. O espetáculo foi sem dúvida apreciado por todos, mas até aí o congresso não havia de fato iniciado seus trabalhos. Após o

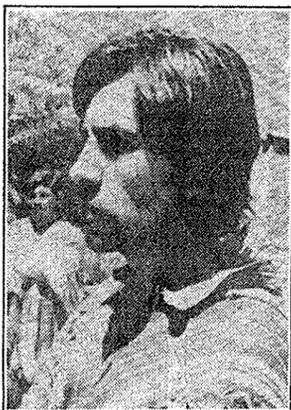
almoço oferecido pelo Prefeito, Constantino Lima, da Bolívia, disse ao microfone que já era hora de o congresso começar de fato, manifestando sua preocupação de que ele estivesse sendo manipulado para que os índios não pudessem expor suas idéias e reivindicações.

ESSA noção de "congresso manipulado" foi constante. As acusações recaíam ora sobre "infiltrações marxistas", ora sobre a direita ou o imperialismo norte-americano. O principal alvo, porém, foi Virgílio Roel, a quem se acusava de possíveis relações com os Partidos políticos e com os militares peruanos. Esta divergência de opinião marcou tanto a organização do Congresso quanto os próprios trabalhos que começariam a seguir. Já na primeira reunião plenária, o próprio nome do encontro foi posto em questão. "Primeiro" — diziam os organizadores. "Segundo" — diziam os participantes. "Terceiro" — diziam os participantes de um encontro similar realizado no Paraguai em 1974. A mesa diretora, formada por nove membros, um de cada país, encontrava-se também dividida entre as opiniões andinas que apoiavam o tradicional nome Tawantinsuyu e as dos restantes, que não aceitavam essa posição de "hegemonia andina", preferindo a denominação geográfica que acabou prevalecendo. Decidiu-se também nessa ocasião que haveria três comissões de trabalho sob os nomes sintéticos de Política, Filosofia e Cultura. A delegação brasileira esteve representada nas três. Daniel Cabixi e José Ribamar ficaram na Comissão de Filosofia e Ideologia da Indianidade, aliás a que apresentou maiores discussões e divergências.

Na apresentação dos delegados da Comissão de Cultura, o brasileiro Renato Athias foi



Daniel Matenho Cabixi, da nação Pareci, delegado do Brasil



Ramiro Reinaga, boliviano, representante do Mitka — Movimento Índio Tupac Katari



Georges Manuel, canadense, presidente do Conselho Mundial de Povos Indígenas



Delegação boliviana, a mais unida e representativa da luta índia

alvo de desconfiança quanto ao fato de não ser índio. Representando os trabalhos indigenistas da Igreja através do Cimi-Norte, Renato explicou que existe uma grande dificuldade para a saída de índios brasileiros do país, pois eles não têm direito a cidadania. Ele estava ali também para expor esta situação. Os principais pontos abordados nessa Comissão foram a religião — tanto a autóctone quanto a influência de diversas igrejas na cultura índia — os idiomas, o futuro das culturas índias, o etnocídio e o genocídio.

A Comissão de Política foi coordenada por Ramiro Reinaga, filho de Fausto Reinaga, filósofo índio e personagem possivelmente presente nas próximas eleições bolivianas. Esta Comissão estudou, entre outros assuntos como a independência econômica índia, o Governo Índio. A este respeito ficou claro que a Bolívia, com seus 80% de índios, seria certamente o país vanguarda nessa nova linha desligada dos sistemas capitalistas e marxistas.

Foi na Comissão de Filosofia que se ressaltou a diferença das soluções para os problemas índios, justificada principalmente pela heterogeneidade geográfica e histórica. Bolívia e Peru sustentaram uma posição que vem tomando forma já há alguns anos. Trata-se da volta a uma organização social comunitária vigente no Tawantinsuyu. A História escrita pelo conquistador, tentando justificar sua invasão, não é a verdadeira História da Confederação Incaica. No Tawantinsuyu, regido pelo triplicado "não roube, não minta e trabalhe", não houve exército profissional, luta de classes e fome. O pensamento índio é um pensamento cósmico, base substancial para compreender sua ideologia de ordem e equilíbrio, oriunda da sabedoria da Pacha Mama, a Mãe Terra, a natureza.

"Foi o Ocidente colonizador que degradou nossa sociedade comunitária, fazendo com que o índio perdesse cada vez mais suas raízes. Nem o capitalismo nem o marxismo resolveu nossa situação, e agora apresentamos uma nova teoria ao mundo: o pensamento índio, a nossa maneira de viver em harmonia com a natureza e com o cosmos. Ocidente para nós é sinônimo de destruição, pois tanto os Estados Unidos como a União Soviética continuam sua corrida armamentista, repletos de bombas atômicas. Nós não queremos mais ser utilizados por estes cérebros do materialismo ocidental-europeu."

A observação que vivem totalmente dentro do sistema ocidental, este pensamento índio pode parecer radical e racista. Constantino Lima o explica:

"Sim, somos radicais. E é necessário. Já não podemos ser flexíveis, pois o índio Atualpa o foi quando da chegada de Pizarro, recebendo-o como um importante visitante, e todos nós sabemos o resultado. A Bolívia é um país de grande maioria índia e continuamos vivendo explorados. Somente o índio vai poder libertar o índio. Quanto à raça, essa noção chegou ao continente em 1492. Essa noção não a conhecíamos. Somos acusados de racistas pelos que querem apagar nossa ideologia. Pelo contrário, estamos querendo nos defender do racismo que nos atinge. Sim, acusamos o Ocidente, mas o cérebro e o pensamento ocidentais e não o homem biológico."

Essa opção índia de uma volta a um regime coletivista próprio talvez só possa ser totalmente compreendida em países onde haja uma grande proporção de população indígena, tal como ocorre nos Andes (Bolívia, Peru e Equador) ou no México e na Guatemala. De nenhuma maneira seria possível que o índio venezuelano ou o do Brasil pusesse impor essa política interior. No seu caso, a libertação está ligada ao apoio de outros setores também explorados da sociedade. Essa foi a posição expressa pelos delegados brasileiros e venezuelanos.

Mas os ânimos estavam exaltados, e ao invés de os dois grupos básicos — os andinos e os da Bacia Amazônica — chegarem a um acordo a discussão levou-os a posições fixas extremadas, quando na verdade não o eram, e muitas vezes mal interpretadas pela outra parte. Os andinos acabaram vistos como "imperialistas do Tawantinsuyu" e os da selva foram catalogados como marxistas, por utilizarem termos como "luta de classes" e "opressores contra oprimidos".

A solução encontrada foi a preparação de dois documentos a serem apresentados ao plenário no último dia do congresso.

No quarto dia da programação, sábado, o congresso teve sua sede transferida para outro povoado do Vale Sagrado, Pisac. Não havia dúvida de que os organizadores estavam agindo diplomaticamente, dividindo a importância do congresso entre as duas pequenas localidades, evitando conflitos e concorrências entre as autoridades municipais. Porém, para os integrantes das comissões, pouco interessados em discursos, recepções e danças, isso foi interpretado como "mais uma manipulação" de Virgílio Roel. Assim, enquanto se desenvolviam essas atividades na praça central, as comissões retiravam-se sorrateiramente para reunir-se no campo, entre ovelhas e ruínas incas.

Por causa disso, alguns delegados perderam um pitoresco acontecimento: fora do programa oficial e entre os discursos, apareceu um padre vestido de poncho para rezar uma missa, traduzida em quechua. A atividade era incoerente, pois na Comissão de Cultura se estudava aquela hora a expulsão das missões junto aos índios. No meio da cerimônia, chegaria parte da delegação boliviana, sempre com a Bandeira do Tawantinsuyu em punho e com slogans em louvor ao poder índio.

Finalmente, chegaria o domingo, dia da conclusão do trabalho das três comissões e de

Ao pé das ruínas de Ollantaytambo, delegados e convidados assistem às danças dos índios Quechuas. Nos trabalhos da Comissão de Filosofia, houve várias divergências entre o grupo andino e o amazônico

mais uma, especial, encarregada de estudar os problemas locais. Infelizmente, nenhuma hora marcada foi respeitada, e todas as atividades começaram com atraso. Na última reunião plenária, marcada para amanhã mas realizada a tarde, foram lidos diversos documentos de denúncias, entre os quais um da Guatemala acusando massacre de índios em Chajul e relatando a invasão da Embaixada da Espanha, em operação onde índios, funcionários guatemaltecos e personalidades espanholas seriam mortos.

DANIEL Cabixi leu, numa tradução já em espanhol, para facilitar a compreensão, um documento de denúncia que apresentara também à Comissão de Cultura. Seu teor, resumido, é o seguinte:

1. Denunciar a grave situação das comunidades índias no Brasil, pela expropriação constante de seus territórios, entregues a grandes empresas nacionais e multinacionais, numa negação dos direitos humanos, de valores culturais e da própria sobrevivência dos índios (como exemplos, foram citadas a construção da rodovia que corta a nação Saterê Mawê e as construções de barragens que inundarão terras de milhares de índios).
2. Denunciar o terror oficial e as perseguições aos índios, que culminaram com o assassinio dos líderes Angelo Xavier, da nação Pankararé, em dezembro último, e Angelo Cretana, dos caingangues, em janeiro.
3. Denunciar a situação legal de nossos irmãos no Brasil, que são tutelados do Estado, considerados menores de idade e relativamente incapazes, sem direitos básicos, inclusive o de viajar para fora do país.
4. Denunciar a destruição constante do ecossistema da Amazônia, habitat de comunidades indígenas que com seu sistema ecológico viveram milhares de anos na floresta, sem destruí-la. Nas mãos das empresas, essa destruição significa o extermínio dos povos índios que ali vivem.

Na Comissão de Política, como na de Cultura, foram feitas várias acusações contra o Instituto Linguístico de Verão e as missões Novas Tribos, com suspeitas, no caso da primeira instituição, de tráfico de sangue e experiências biomédicas com índios, em Yarinacocha, no Peru. Será exigida a expulsão de ambas das zonas indígenas. No Brasil, o contrato com o Instituto Linguístico de Verão não foi revalidado, mas a instituição continua presente. No Peru, o Governo acaba de renovar o contrato por mais oito anos. Foi exigida também a expulsão de qualquer grupo religioso — católico ou protestante — que tente impor uma nova cultura ao índio.

Foi relatada também a situação dos 17 mil índios yanomamis da fronteira do Brasil, vítimas da construção da Rodovia Perimetral Norte, do avanço de empresas em busca de riquezas minerais e consequentemente da redução de sua área. A reunião plenária apoiou os yanomamis e decidiu lutar pela criação de um parque indígena na região.

Um dos objetivos do Primeiro Congresso Índio Sul-Americano foi criar o Conselho Regional de Índios de Sul-América (CRISA). A sede do CRISA será rotativa, transferindo-se a cada dois anos. A Bolívia foi escolhida como primeira sede. Passou-se então a nomear os representantes de cada país no Conselho e o modesto Daniel Cabixi viu-se obrigado a dizer que, devido às dificuldades que tivera para viajar e obter passaporte, não poderia comparecer às reuniões do Conselho representando os índios do Brasil. De fato, o passaporte de Daniel, azul, de serviço, tinha validade para apenas três semanas. Mais do que isso, assistiu os congressistas a observação constante em seu documento, segundo a qual "o portador está sujeito ao regime tutelar estabelecido pela Lei nº 6 001 de 1973". Ao ser lida essa observação em plenário, os congressistas acusaram o Governo brasileiro de "monstruosidade jurídica". Todas as divergências anteriores foram esquecidas nesse momento.

Nos dias seguintes, com os participantes já em Cuzco novamente, continuou a rica experiência de convivência. "Uma terapia de grupo" — dizia um antropólogo. "Nunca aprendi tanto sobre nós mesmos, os índios, como nesta última semana" — declarava Ramiro Reinaga, escolhido coordenador geral da CRISA.